

NARRAR A VIDA: REPRESENTAÇÕES DE SI E DO OUTRO

NARRATING LIFE: REPRESENTATIONS OF THE SELF AND THE OTHER

Juan Ignacio Jurado-Centurión LÓPEZ¹

Luciana Calado DEPLAGNE²

Entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2023, na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa-PB, aconteceu o VII Seminário de Estudos Medievais na Paraíba e é com satisfação que agora apresentamos este dossiê resultado de algumas das reflexões apresentadas durante o evento que teve como tema "Narrar a vida: representações de si e do outro". A proposta da temática foi inspirada na publicação *Cem fragmentos biográficos: a Idade Média em trajetórias*, dicionário organizado pelos pesquisadores Guilherme Queiroz e Renata Nascimento, em 2021, que buscaram apresentar de forma concisa um guia para consulta à vida de homens e mulheres medievais que se destacaram em seu contexto histórico do medievo. Trata-se de uma obra referência para a medievalística brasileira que traz à tona figuras de significativa relevância em sua época, mas que muitos tiveram seus nomes excluídos da historiografia canônica. Registrar vidas, representar a si, representar o outro é um desafio biográfico que envolve várias áreas, pois os gêneros biografia, crônica, autobiografia são híbridos e se desenvolvem no cruzamento de diversos campos de conhecimento, como História, a Literatura, o Jornalismo...Nessa encruzilhada multidisciplinar foram reunidas contribuições de pesquisadores e pesquisadoras nessas diversas áreas e de distintas instituições brasileiras e estrangeira.

O objetivo deste número da revista GRAPHOS, assim como foi o do evento, é estimular o debate multidisciplinar e interinstitucional sobre o período medieval em torno de eixos temáticos pré-estabelecidos, buscando o intercâmbio de ideias, parcerias acadêmicas entre grupos de pesquisas, entre pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que acreditam na importância de avançar na desconstrução de uma Idade

¹ Professor de professor de língua e literatura espanhola e hispano-americana na Universidade Federal da Paraíba. Doutor em Teoria da Literatura pela UFPE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9880-6170> E-mail: juanig@terra.com.br

² Professora da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Teoria da Literatura pela UFPE, com estágio-doutoral na Université de Clermont-Ferrand, na França. Coordenadora do Grupo Christine de Pizan (CNPq). Membro da direção da ABREM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7682-102X> Email: lucianaeleonora@yahoo.com.br

Média obscurantista, de extrema decadência e misoginia, cujos resquícios ainda ecoam no imaginário coletivo.

O primeiro artigo trata do texto da conferência de abertura do VII Seminário de Estudos Medievais na Paraíba, proferido por Julia Rüthemann. Originalmente escrito em francês, foi traduzido por Mainumi Miranda e Raphael Paixão e recebeu o título de **O "Eu" Feminino em Christine De Pizan e em Hadewijch D'anvers**. O artigo trata de textos alegóricos na primeira pessoa cujo tema principal é o amor. A autora procura discutir as relações de gênero que envolvem os três elementos que definem essa tradição literária medieval: o eu, a alegoria e o amor. Centra-se no estudo do uso do eu alegórico e do amante na voz feminina a partir da análise das obras de duas autoras medievais: uma mística do século XIII, Hadewijch de Antuérpia, e uma escritora leiga do século XIV, Christine de Pizan. Percorrendo algumas obras de Pizan, Rüthemann estabelece um estudo comparativo acerca do papel das figuras alegóricas nos enredos e do agenciamento do eu lírico enquanto sujeito amoroso entre as obras da autora e aquelas escritas por homens, como o Julgamento do Rei da Boêmia, de Guillaume de Machaut. A pesquisadora observa que em Pizan há uma estreita ligação entre as alegorias, a representação do “eu”, com sua experiência pessoal, literária e intelectual, ao contrário do “eu” da tradição cortês masculina, que se apresenta como o amante exemplar em busca do objeto de amor. No caso da mística Hadewijch, beguina muito ativa em meados do século XIII na região de Flandres, na Bélgica, são analisadas cartas, poemas e visões na tentativa de observar o lugar de seus escritos nessa tradição discursiva alegórica sobre o amor na primeira pessoa. Ao contrário de Christine de Pizan, o “eu” feminino de Hadewijch vive e expressa o amor, o desejo amoroso e estabelece contato direto com a alegoria do Amor numa dimensão religiosa do Divino. Através dos exemplos destas duas importantes figuras da literatura medieval, o texto de Julia Rüthemann mostra a importância e distinção da tradição feminina na literatura alegórica e cortês predominantemente masculina, quer tenha uma dimensão mística ou profana.

Também sobre a escritora Christine de Pizan trata o segundo artigo, intitulado **A tradução como “continuidade da vida” das *Cent ballades* de Christine de Pizan**. Nele, a autora Carmem Druciack defende que a tradução é uma forma de dar continuidade à vida do texto de partida em um novo contexto linguístico-histórico-cultural. Suas traduções, portanto, são como leitura possível do fazer poético de Christine de Pizan. Assim, através de encontros, aproximações e também de cortes, rupturas, o fazer tradutório recria um novo corpo, um novo abrigo que diz tanto da autora do texto, quanto da tradutora. Após reflexão sobre sua prática tradutória, a autora apresenta aspectos relevantes do projeto literário da escritora Christine de

Pizan e suas marcas memorialísticas e autoreferenciais. O artigo finaliza com a tradução literária das Baladas XVII, XVIII e XX da coletânea *Cent Ballades*, na qual Carmem Druciak escolheu manter os esquemas métrico e rimático dos poemas christinianos. Esse belo trabalho de tradução é uma relevante contribuição à divulgação da obra lírica de Christine de Pizan, no Brasil, uma vez que a autora é conhecida no país sobretudo por sua obra *A Cidade das Damas*.

A tradução de obras medievais de autoria feminina é objeto dos dois artigos seguintes. Em **Traduzindo a *Carta di logu* (séc. XIV), de Eleonora d'Arborea: uma legisladora em defesa da mulher e da narureza**, Karine Simoni nos apresenta a biografia de Eleonora d'Arborea (ca. 1347-1404), uma figura pública de relevância no reino de Arborea, a Sardenha no século XIV, com destaque para o seu legado no campo legislativo em defesa das mulheres e do meio ambiente. O artigo analisa um documento promulgado por Eleonora d'Arborea, então governadora do Reino de Arborea, intitulado *A Carta de Logu*, que permaneceu em vigor até 1827. Deste documento que regulamentou as práticas administrativas, econômicas, sociais, e jurídicas da ilha da Sardenha, no Mediterrâneo, Karine Simoni propõe a tradução de alguns capítulos referentes à normativa quanto à violência sexual contra mulheres e outros relativos à regulamentação dos incêncios em prol da manutenção do equilíbrio ecológico. A escolha do texto traduzido e as motivações da tradutora apontadas no artigo revelam seu envolvimento com os Estudos Feministas da Tradução e a importância desses estudos para o avanço do conhecimento acerca do legado das mulheres no medievo, promovendo, assim, a reavaliação crítica da história.

O quarto artigo do dossiê, **As Revelações de Juliana de Norwich no Brasil: Análise comparada de três traduções para o Português, de autoria de** Fernanda Cardoso e Yasmin Andrade, analisa uma obra escrita no século XIV, em inglês médio, por uma religiosa anacoreta, Juliana de Norwich. Como vimos nas obras referidas nos artigos anteriores, as mulheres que escreviam nos últimos séculos da Idade Média, optavam pelas línguas vernáculas, em detrimento do latim. No caso dos textos das místicas, escrever em língua materna seria uma forma mais eficiente de narrar o caminho ao encontro com o divino. As pesquisadoras apresentam uma análise criteriosa das três traduções, buscando apontar as estratégias e escolhas utilizadas pelos tradutores ao verter para a língua portuguesa esse importante texto místico medieval, bem como a presença ou ausência de paratextos, o perfil das editoras que publicaram as traduções e as implicações de ordem devocional nas escolhas tradutórias. Além da análise das traduções de *Revelation of love*, o artigo traz um rico panorama do contexto histórico da escritora, inserindo-a em uma tradição de mulheres

místicas na Idade Média, como Margery Kempe, Marguerite d'Oingt, Marguerite Porète, Angela de Foligno, revelando, assim, um protagonismo feminino na literatura mística.

A reflexão sobre tradução continua no quinto artigo intitulado **Presença Queer na literatura medieval irlandesa: uma proposta de tradução comentada do conto *Níall Frassach's Act of Truth***, no qual, o autor Yuri Jivago Amorim Caribé, ao mesmo tempo que propõe uma tradução comentada do curto relato, também destaca a presença *Queer* no mesmo. A apresentação de uma relação homoafetiva entre duas mulheres no conto e a atitude do monarca Níall Frassach's empresta ao relato uma singularidade pouco comum se consideramos que se trata de um escrito datado na Idade Média. O autor destaca que traduções como a aqui proposta nos permitem ter uma visão das relações de gênero durante este período histórico entre os dois gêneros muito além das falsas ideias que sobre esse assunto nos quis fazer acreditar a historiografia oficial. É importante observar a relevância da tradução de um texto até hoje inédito na língua portuguesa.

O sexto artigo, **A besta que surge na terra: representação dos animais na exegese eclesiológica do apocalipse**, Raquel de Fátima Parmegiani toma como pano de fundo o texto medieval *Comentários do Apocalipse de São João do Beato de Liébana*, um dos textos mais influentes da Alta Idade Média, escrito por um monge que viveu na região norte da atual Espanha no século oitavo. A autora, através da análise dos comentários bíblicos presentes no texto, aborda a importância da simbologia cristã por trás da representação da animália na obra e a sua relevância na construção de argumentos relacionados com a defesa da ortodoxia cristã e a refutação das diferentes doutrinas heterodoxas vigentes naquela época de expansão territorial do cristianismo romano.

O sétimo artigo **Residualidade à Paraibana: Uma reflexão local da teoria na análise literária** aborda, principalmente, a aplicação da teoria da residualidade, desenvolvida pelo professor Roberto Pontes, como ferramenta para a análise literária. Escrito pelo professor Juan Ignacio Jurado Centurión e pela doutoranda Gilberia F. Alves Diniz, o artigo mostra como essa teoria, que busca identificar vestígios culturais e históricos presentes em diferentes épocas, é utilizada na análise de textos literários, especialmente no contexto local, como o próprio título sugere. A partir da experiência dos autores em estudos medievais e literários, o artigo discute a complexidade de aplicar a residualidade na literatura, destacando os desafios em diferenciá-la de teorias como a intertextualidade de Kristeva e a hipertextualidade de Genette. Conforme relatam os autores, a análise de "El Conde Lucanor" inicialmente apresentou dificuldades, pois não se sabia ao certo se, ao compará-lo com "Kalila e Dimna," estava-se identificando um resíduo ou um intertexto. Por essa razão, foi necessário recorrer a

teorias que oferecessem suporte à análise literária. Assim, o presente artigo incorporou os conceitos de Carl Jung (arquétipo), Jaume Aurell (novo medievalismo), Eleazar Melitínski (imaginário), entre outros. Esses teóricos auxiliam na análise de como elementos residuais, como mitos e arquétipos, moldam a cultura e revelam traços persistentes ao longo do tempo.

No oitavo e último artigo, **A Idade Média no Brasil**, o professor Roberto Pontes, assíduo colaborador nos Simpósios de Estudos Medievais celebrados na Universidade Federal da Paraíba, nos convida a repensar a presença, o resíduo do Medievalo em um país que cronologicamente não teve Medievalo. Porém, como confirma o autor, esse período histórico esteve muito presente no processo de formação da futura nação brasileira. Desde o léxico, passando pelos mitos clássicos e medievais que se fundem com a própria cosmogonia local, até a formação social e religiosa, a organização territorial em capitanias hereditárias ou a organização jurídica. Tudo remete à Idade Média.

Em suma, reúne-se no presente dossiê uma diversidade de abordagens, metodologias e investigações que busca trazer ao centro diálogos entre temporalidades e espacialidades, mitos, arquétipos em análises comparativas de textos literários, uso alegórico de bestiários nos comentários bíblicos, aproximações entre textos-fonte e textos traduzidos, entre autores/autoras e tradutores/tradutoras, reflexões sobre o "eu" e o "outro", e em especial fontes ainda pouco exploradas, como é o caso de obras medievais escritas por mulheres na Idade Média ou com temática *Queer*. Esse encontro multidisciplinar e polifônico de intérpretes medievistas traduz um pouco o espírito dos debates que vêm sendo propostos nos Seminários de Estudos Medievais na Paraíba e os novos caminhos de um medievalismo mais autorreflexivo e mais atento às demandas de nosso tempo.

Boa leitura!